

O SILÊNCIO DA LINGUAGEM EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

Luiza de Oliveira (PG/UFMS)

Edgar César Nolasco (UFMS)

Resumo

O artigo visa analisar a linguagem em *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, tendo por estofamento teórico- crítico o que propôs o filósofo da linguagem Ludwig Wittgenstein. Em tal estudo dar-se-á atenção especial para a questão do silêncio como um traço diferenciador da linguagem empregada no livro. Além de Wittgenstein, outro filósofo e estudioso da obra clariciana embasará nossa discussão, Benedito Nunes, principalmente com os livros *O dorso do tigre*, *O drama da linguagem*: uma leitura de Clarice Lispector e também a Edição Crítica do romance organizada pelo autor.

Palavras-chave: *Clarice Lispector; silêncio; linguagem.*

Abstract

The article aims to analyze the language in *A paixão segundo G.H.*, of Clarice Lispector, having as a base review-theoretical what the philosopher, Ludwig Wittgenstein, proposes. This study will give special attention to the silence question as a distinguish trace of the language expended on this book. Like Wittgenstein, another philosopher and studios of Clarice Lispector's works will be also a base on our discussion, Benedito Nunes, mainly with *O dorso do tigre*, *O drama da linguagem* books: a Clarice Lispector reading and also the novel review Edition organized by him.

Keywords: *Clarice Lispector, silence; language .*

1. INTRODUÇÃO:

Segundo a teoria da linguagem de Ludwig Wittgenstein, os limites do mundo são os limites da linguagem. Para o filósofo, o que se exprime na linguagem, esta não pode representar em sua totalidade, ou seja, não pode exprimir por meio dela. Wittgenstein chamou de místico ao mostrar que há, na linguagem, algo que é indizível – o silêncio. Sua defesa seria que aquilo que ele chama de místico pode, em sua terminologia, ser mostrado, porém não pode ser dito, ou seja, expresso via linguagem. Não há em Wittgenstein um misticismo particular ou doutrinário, como poderia sugerir algum leitor “desavisado”.

2. DESENVOLVIMENTO

No romance *A paixão segundo G.H.*, Clarice Lispector coloca a linguagem num embate decisivo com a realidade, que pode ser observado ao longo da narrativa, onde a personagem G.H, dado o entendimento sobre a limitação da linguagem, uma linguagem que se esforça por

dar conta de uma experiência que lhe escapa, tenta reproduzir a experiência da conquista do que é originário, o sacrifício da perda da identidade para ir em busca do indizível.

O trecho do romance *A Paixão Segundo G.H.* que transcrito a seguir, faz ver como Wittgenstein e Clarice Lispector pensam a linguagem de maneira semelhante, como o modo de buscar a realidade:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e do não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 1988, p.113)

Benedito Nunes em seu livro *O Dorso do tigre*, mostra a partir do conceito wittgensteniano de jogo de linguagem, que a obra literária de Clarice Lispector faz parte de um domínio da linguagem que se dá sem pretensão de ser verdadeiro ou falso, de um jogo de linguagem artístico. Nunes abre o último capítulo do livro com a passagem:

Em *A paixão segundo G.H.* que Clarice Lispector leva ao extremo o jogo de linguagem iniciado em *Perto do Coração Selvagem*, e já plenamente desenvolvido em *A Maçã no escuro*. Não empregamos aqui a palavra jogo, e a expressão jogo de linguagem no sentido comum, em geral depreciativo, que é o que prevalece quando nos referimos a “jogo de palavras”, “jogo verbal”, etc. A literatura, de um modo especial a poesia, comportam uma qualificação lúdica. São atividades criadoras desinteressadas, cujos produtos gozam de existência estética, aparente, dentro do mundo imaginário projetado na expressão verbal. (NUNES, 1976, p.129)

E a respeito dos jogos de linguagem também diz:

Em suas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein fala-nos em “jogos de linguagem”. São esses jogos processos linguísticos, mobilizados pela diferentes atitudes que assumimos, nomeando as coisas e usando as palavras de conformidade com as regras que estabelecemos. (NUNES, 1976, p.130)

Segundo Benedito Nunes, a moderna filosofia da linguagem acrescenta um aspecto ontológico ao jogo de linguagem estético, pois, por meio da imaginação, a experiência imediata das coisas dá acesso a novas possibilidades do ser, possíveis modos de ser que não coincidem com nenhum aspecto determinado da realidade ou da existência humana.

Se o objeto de *A Paixão Segundo G.H.* é, como vimos uma experiência não objetiva, se a romancista recriou imaginariamente a visão mística do encontro da consciência com a realidade última, o romance dessa visão terá que ser, num certo sentido, obscuro. A linguagem de Clarice porém, não é nada obscura. Obscura é a experiência do que ela trata. Sob esse aspecto, que analisaremos oportunamente, a atitude de G.H., abdicando do entendimento claro para ir ao encontro do que é impossível compreender, lança a linguagem numa espécie de jogo decisivo com a realidade, que mais reforça o sentido místico do romance de Clarice Lispector. (NUNES, 1976, p.111)

Já em seu primeiro romance, Clarice observa a relação entre a ação narrada e o jogo de linguagem enquanto situação problemática dos personagens que estão tentando se comunicar, se expressar. Assim, Benedito Nunes conclui que “a linguagem tematizada na obra de Clarice Lispector, envolve o próprio objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência como problema da expressão e da comunicação”. O que se verifica em *A Paixão Segundo G.H.*, pois no romance são paradoxais os enunciados que tentam decifrar ou interpretar a experiência de G.H, como na passagem, “Eu era a imagem do que eu não era, essa imagem do não ser me cumulava toda” (LISPECTOR, 1988, p.22) e também em:

Aquilo que se vive – e por não ter nome só a mudez pronuncia - é disso que me aproximo através da grande larguesa de deixar de me ser. Não porque eu encontre o nome do nome e torne concreto o impalpável – mas porque designo o impalpável como impalpável, e então o sopro recrudescer como na chama de uma vela. (LISPECTOR, 1988, p. 112)

A oposição entre existência e linguagem se torna, nessa perspectiva, representativa dos problemas metafísicos inerentes a condição humana, e é, para Nunes, o que ocorre nos romances de Lispector. Para tornar mais clara esta tese, vejamos o que Nunes diz nessa direção:

A inquietação que neles tortura o indivíduo é o desejo de ser, completa e autenticamente – o desejo de superar a aparência, conquistando algo assim como um estado definitivo, realização das possibilidades em nós latentes. Aspiração contraditória! Realizar estas possibilidades é dar-lhes forma, e consequentemente, expressá-las. Não nos contentamos em viver, precisamos saber o que somos, necessitamos compreendê-lo e dizer, mesmo em silêncio, para nós mesmos, aquilo em que vamos nos tornando.[...] O ser que conquistamos não é, pois aquele para o qual o nosso desejo tende, mas aquele que a expressão capta e constrói, e que é, de qualquer modo, uma realidade provisória, mutável, substituível, que oferecemos aos outros e a nós mesmos. Daí a relativa falência da expressão afetando a comunicação entre os homens. (NUNES, 1976, p.132-133)

Benedito Nunes encerra seu livro propondo uma réplica da escritora ao que teria defendido Wittgenstein:

Wittgenstein escrevia, no fecho seu *Tractatus Lógico-Philosophicus*, que devemos silenciar a respeito daquilo sobre o qual nada se pode dizer. Clarice Lispector rompe com esse dever de silêncio. O fracasso de sua linguagem, revertido em triunfo, redundava numa réplica espontânea ao filósofo. Podemos formular assim a réplica que ela deu: “é preciso falar daquilo que nos obriga ao silêncio”. Resume-se nessa resposta o sentido existencial de sua criação literária. (NUNES, 1976, p.139)

Gostaria de salientar, a respeito dessa passagem, que também Wittgenstein rompe com o dever de silêncio e no final do *Tractatus* vê-se obrigado a rejeitar seu próprio livro. No aforismo 6.54, escreveu:

Minhas proposições elucidam desta maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contra-sensos, após ter escalado delas - por elas - para além delas (Devo,

por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela) deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente. (WITTGENSTEIN, 2008, p.281)

A “superação” do *Tractatus* é uma condição necessária para compreender a posição defendida pelo filósofo. E, por conseguinte, se o sentido existencial da criação literária de Clarice, segundo Nunes (1976, p.139) resume-se na máxima: ‘É preciso falar daquilo que nos obriga ao silêncio’, podemos concluir que a função terapêutica presente em Wittgenstein, tanto no *Tractatus* quanto nas *Investigações Filosóficas*, de nos convidar a dissolver problemas cotidianos fundados no mau uso da linguagem, para que esta seja um meio efetivo de comunicação, que nos permita falar inclusive sobre aquilo que nos obriga ao silêncio, também se faz presente na obra de Lispector, especialmente em, *A Paixão Segundo G.H.*. Ilustra o que estamos dizendo a passagem:

Mas – como era antes o meu silêncio, é o que eu não sei e nunca soube. Às vezes, olhando um instantâneo tirado na praia ou numa festa, percebia com leve apreensão irônica o que aquele rosto sorridente e escurecido me revelava: um silêncio. Um silêncio e um destino que me escapavam. [...] Nunca então havia eu de pensar que iria de encontro com este silêncio. “Ao estilhaçamento do silêncio.” (LISPECTOR, 1988, p.18)

A visão da personagem-narradora GH é inseparável do ato de contá-la, e a consciência da linguagem enquanto o que não pode ser totalmente verbalizado está presente na ficção. A personagem GH, ao afirmar, que viver não é relatável entende que o momento da vivência - instantâneo - foge à palavra que o expressa. G.H sabe que o ato de narrar não compreende, não engloba o fato vivido. A passagem a seguir do romance, corrobora o que estamos discutindo:

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei de criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo- traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço e sem sequer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu não estivesse não seria linguagem.

Até criar a verdade do que me aconteceu. Ah, será mais um grafismo do que uma escrita pois tenho mais uma reprodução do que uma expressão. (LISPECTOR, 1988, p. 15)

A personagem G.H. propõe criar sobre a realidade, criar a “verdade” do que lhe aconteceu, como uma reprodução dos sentimentos vividos, porque sabe que qualquer tentativa de relatar - através da linguagem - um momento vivido tenderá ao fracasso, por ser aquilo que a expressão verbal não consegue descrever em sua totalidade. E a autora reconhece que o criar literário, a imaginação no momento da escrita, é o que se faz sem pretensão de ter um valor de verdade tal ou qual, como propõe Wittgenstein.

Segundo Wittgenstein, o trabalho essencial da linguagem é afirmar ou negar fatos. Portanto, importam-lhe as condições que teria que cumprir uma linguagem logicamente perfeita, em que uma sentença “signifique” algo bem definido. Pois para que se afirme certo fato, deve haver algo em comum entre a estrutura sentença e a estrutura do fato. Mas o que há em comum entre a sentença e o fato, Wittgenstein sustenta, não pode por sua vez, ser *dito* na linguagem. Pode em sua terminologia, ser *mostrado*, pois o que se queira dizer precisará também ter a mesma estrutura, a mesma figuração lógica. O que para Wittgenstein seria impossível, pois o que se exprime na linguagem, esta não pode representar, não pode exprimir por meio dela. Vê-se claramente que Wittgenstein quer abolir a metafísica, ou melhor, o discurso metafísico, isto é, a tentativa de dizer o que se mostra, mas não abolir a arte, a moral, os domínios da linguagem humana que “mostram” sem pretensão de dizer algo verdadeiro ou falso.

Com efeito, a eliminação das afirmações metafísicas desejada por Wittgenstein, no *Tractatus-lógico-philosophicus*, é agora realizada nas *Investigações Filosóficas* de diferentes formas, sendo a principal, o esclarecimento das regras dos diferentes tipos de jogos de linguagem. Podemos concluir, então, que o objetivo de Wittgenstein em as *Investigações Filosóficas* é parecido com o do *Tractatus*. Quer dizer, as afirmações metafísicas devem desaparecer para que possamos ver o mundo corretamente e viver melhor. Ressaltando que Wittgenstein, com a noção de jogos de linguagem não quer introduzir um relativismo.

É verdade, que com a noção de jogos de linguagem, Wittgenstein está propondo salvaguardar um lugar para arte, para a literatura, para a música e também para outros modos artísticos de se expressar. Pois essas são práticas que se dão através da linguagem, mas que não querem se comprometer em ter um valor de verdade, não são feitas para serem postas em prova. Wittgenstein sugere, dado o entendimento de que a linguagem não expressa com precisão momentos da realidade, que essa é sua limitação, e o conhecimento de sua limitação é o que nos permite falar sobre o que quisermos, ainda mais quando não temos pretensão de dar modelos explicativos da realidade – de fazer ciência.

É o que se verifica no romance *A paixão segundo G.H.*: o entendimento da personagem-narradora sobre a limitação da linguagem é evidente na passagem do livro, em que a vontade de G. H. de aproximar-se do que é uma barata, de regressar a um estado primitivo, originário que faz com que a personagem seja lançada para fora do mundo humano, deixando-a na “borda da vida”, com a consciência de que narrar sua experiência não engloba o fato vivido. O desejo de encontrar o que resta do homem quando a linguagem se esgota, é o que move a

literatura de Clarice Lispector. Em termos wittgenstenianos, encontrar o que resta do homem, quando a linguagem se esgota, seria o desvelamento do inefável, o incessante esforço da linguagem para captar aquilo que lhe foge. Para ilustrar o que acabamos de dizer vejamos mais uma passagem do livro em questão:

Ah, mas para se chegar à mudez, que grande esforço da voz. Minha voz é o modo como vou buscar a realidade; a realidade, antes da minha linguagem, existe como um pensamento que não se pensa, mas por fatalidade fui e sou impelida a precisar saber o que o pensamento pensa. A realidade antecede a voz que a procura, mas como a terra antecede a árvore, mas como o mundo antecede o homem, mas como o mar antecede a visão de mar, a vida antecede o amor, a matéria do corpo antecede o corpo, e por sua vez a linguagem um dia terá antecedido a posse do silêncio. Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. (LISPECTOR, 1988, p.112-113)

O romance *A paixão segundo G.H.* é, para Benedito Nunes, um dos textos mais originais da ficção brasileira e também, como escreve na introdução da Edição Crítica do romance coordenada por ele, ‘o livro maior de Clarice Lispector’, por abrir para o leitor, pelo envolvimento de sua narrativa, “a fronteira entre o real e o imaginário, entre a linguagem e o mundo, por onde jorra a fonte poética de toda ficção”. (NUNES, 1988, p. XXIV)

Segundo Benedito Nunes, por um lado, *A paixão segundo G.H.* faz parte da linha ficcional de criação que Clarice Lispector adotou desde o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, de 1944; por outro lado, ele diz, tratar-se de um romance singular, “não tanto em função de sua história quanto pela introspecção exacerbada, que condiciona o ato de contá-la”. (NUNES, 1988, p.XXIV), que se transforma, segundo o filósofo, no embate da narradora com a linguagem, levada a domínios que ultrapassam o limite da expressão verbal. Sobre isso afirma:

Em a paixão segundo G.H., a consciência da linguagem enquanto simbolização do que não pode ser inteiramente verbalizado, incorpora-se à ficção regida pelo movimento da escrita, que arrasta consigo os vetígios do mundo pré-verbal e as marcas “arqueológicas” do imaginário até onde desceu. G.H. tenta dizer a coisa sem nome, descortinada no instante do êxtase, e que se entremostra no silêncio intervalar das palavras. Mas o que ela enuncia não pode deixar de simbolizar o substrato inconsciente da narração que, matéria comum aos sonhos e aos mitos, sobe das camadas profundas do imaginário que constituem o subsolo da ficção. (NUNES, 1988, p.XXVII)

Nessa perspectiva, para Nunes extrema-se o drama da linguagem, e este é o momento em que a narrativa torna-se: “o espaço agônico de quem narra e do sentido de sua narração – o espaço onde a narradora erra, isto é, onde ela se busca, buscando o sentido do real, que só atinge quando a linguagem fracassa em dizê-lo”. (Nunes 1988, p. XXVIII). Em uma passagem de *O Dorso do tigre*, pertinente a esse momento, Nunes afirma:

A mensagem de G.H., no fim de seu calvário, compreendendo que a existência em si é não-humana, e que toda linguagem tem no silêncio a sua origem e seu fim, é, no

que diz respeito à caracterização do mundo imaginário de Lispector, verdadeiramente exemplar.

Clarice Lispector expõe-se, no seu *A Paixão Segundo G.H.*, ao risco de optar pelo silêncio. Lançou um desafio supremo a si mesma: jogou com a linguagem para captar o mundo pré-linguístico. E teve que admitir, no final, o fracasso do seu empreendimento. Mas foi um fracasso significativo, que acarretou para a autora a mais surpreendente vitória. Essa vitória, registrada nas últimas páginas do relato de G.H., traduz o reconhecimento da miséria do esplendor da linguagem, de sua falência e de sua de sua essencialidade. (NUNES, 1976, p.139)

Nesta perspectiva, estamos, segundo Nunes, diante do fracasso existencial, correlato ao fracasso da linguagem. De maneira que, os dois fracassos, o da existência e o da linguagem, estão intimamente associados. O fracasso existencial da personagem G.H. acontece, como em todo ser humano que fracassa, por ser “incapaz de atingir pelo conhecimento, pela ação ou pelo coração a plenitude que aspiram”. (NUNES, 1976, p. 137). E o fracasso da romancista com a linguagem, isto é, com a experiência levada ao seu limite último, é resultado do confronto decisivo entre a realidade e expressão.

Para Benedito Nunes, do processo da linguagem resulta uma ficção erradia, que é, para ele, como afirma Clarice Lispector, em passagem de *A paixão segundo G.H.*, mais um grafismo do que uma escrita. Pois, a atitude da personagem G.H., de abdicar do entendimento claro para ir ao encontro do que é impossível compreender, lança a linguagem num jogo decisivo com a realidade e reforça o sentido místico do romance. Lembramos que Wittgenstein chamou místico ao mostrar que há algo indizível – o silêncio.

Para Nunes, parece-nos que o conteúdo místico da experiência da personagem é fundamental para compreendermos as intenções do romancista:

O silêncio, desistência da compreensão e da linguagem, é o termo final da aventura espiritual de G.H., que principia pela náusea e culmina no êxtase do Absoluto, indiscernível do Nada. Mas essa aventura, não o esqueçamos, é a via *crucis* de uma paixão.

No título que adotou *A paixão segundo G.H.*, Clarice Lispector sintetiza, por uma translação parodística (Paixão segundo S. Mateus, segundo S. João, etc.) o sentido místico da Paixão dessa mulher comum a quem cabe qualquer nome delimitado pelas iniciais G.H., submetida ao sacrifício de sua identidade pessoal na ara da existência transformada em calvário. (NUNES, 1976, P.112)

Emília Amaral no livro *O Leitor Segundo G.H.*, detém-se, no terceiro capítulo de sua obra, na fortuna crítica de *A paixão segundo G.H.* Para ela, Benedito Nunes, em *O Dorso do Tigre*, propõe a examinar as situações vivenciadas pelos personagens claricianos à luz da experiência sartreana da náusea, o que o leva, conseqüentemente, a discernir a “modificação” que tal experiência sofreu no romance de Lispector. Diz Amaral:

Para Nunes, em *A paixão segundo G.H.* o estado de náusea “atinge o máximo desenvolvimento”, além de ter “função espiritual marcante” e já por esta razão distinguir-se da náusea sartreana, pois enquanto em Sartre prevalece a humanização da náusea, no romance ocorre o contrário: a experiência da náusea se aprofunda,

pois libera em G.H. “o impulso primitivo, mágico, de participação, abrindo para ela o caminho de acesso a realidade pura, sem princípio nem fim”.

O caráter espiritual de *A paixão segundo G.H.* aproxima-se, segundo o crítico, da “união com o absoluto” que os grandes místicos do ocidente e do oriente visaram alcançar, por meio do amortecimento das impressões sensíveis exteriores, da mortificação dos desejos e do apaziguamento da mente, os quais levam à “perda da individualidade”, ao “deslocamento do eu individual e pessoal para o núcleo secreto da alma, que se comunica como o ser e que é partícipe de sua existência universal e ilimitada”. (AMARAL, 2005, p.109)

Ainda tratando da fortuna crítica do romance de Clarice Lispector, Emília Amaral, escreve também sobre a obra de Benedito Nunes, *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, no qual o autor estuda o conjunto ficcional da escritora, dedicando um capítulo *A paixão segundo G.H. (“O Itinerário Místico de G.H.”)*. Deste capítulo, Emília Amaral destaca alguns elementos que, segundo ela, são depuradores da compreensão desta visada crítica sobre o romance.

Emília Amaral destaca que Nunes pontua o fato de no romance “uma complexa metamorfose interior e espiritual”, resulta de um pequeno incidente doméstico. Pois, para o autor, a barata não se confunde com qualquer “entidade alegórica”. Para ele, o que se destaca na análise da presença do animal no livro é sua ancestralidade em relação ao homem e também o significado que possui de “máxima oposição que engloba os demais contrastes expostos no relato de G.H., entre humano e não-humano, o natural e o cultural”. (NUNES *apud* AMARAL, 2005, p.111)

Para Amaral, Benedito Nunes, além de se ocupar com a análise sobre o sentido místico do caminho de G.H., detém-se no aspecto formal do texto, procurando mostrar como a verdade procurada por G.H depende da “veracidade de sua narração”. Mas para a autora, o que lhe parece central e, portanto, merecedor de destaque, refere-se à distância entre a palavra e a coisa, que se intensifica à medida que a experiência de G.H. progride, “pois essa progressão a aproxima crescentemente do silêncio da materialidade da vida em sua mudez”. E conclui:

A necessidade de expressar a identidade do ser, que prescinde de linguagem, assinala, para o crítico, “o extremo limite da introspecção e da linguagem” já que a identidade pura, para a plenitude do ser, seria o silêncio inenarrável”. Abre-se desta forma no romance “um hiato entre o ser e o dizer”, “entre a imanência e a transcendência”, “entre a realidade e a linguagem”, “que a própria linguagem assinala e na qual ela se move”.

Na medida em que necessariamente aprofunda esse hiato, por meio da própria narrativa, que caminha “à contra-corrente da experiência narrada, G.H. é um “sujeito que se desagrega”, com ela se desagregando o próprio ato de narrar. Assim, à metamorfose de G.H. corresponde a metamorfose da narrativa, à perda de identidade de G.H. corresponde a perda de identidade da narrativa, as duas coisas ocorrendo como um esvaziamento: “esvaziamento da alma e da narrativa”, “a desapossada do eu e a narrativa do seu objeto”.(AMARAL, 2005,p.113)

Emília Amaral no livro, *O Leitor Segundo G.H.*, discute sobre a leitura de *A paixão segundo G.H.*, feita por Olga de Sá, em sua obra intitulada *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. Segundo Amaral, Sá propõe-se a ler *A Paixão Segundo G.H.* ‘na pauta do irônico’, ‘como reversão paródica’. Sua análise começa pelo título, pois o título, segundo Sá, inverte as expectativas do leitor comum, num primeiro nível, se este entender o termo em seu sentido erótico, o que o fará ser contrariado por uma “resposta ontológica”. Num segundo nível, para Olga de Sá, o título poderá despertar “contínuas reminiscências bíblicas” no leitor, uma vez que o fará pensar nas narrativas evangélicas da Paixão de Cristo: Paixão de Jesus Cristo segundo Matheus, João etc. Neste caso, segundo ela, o leitor também terá a sua expectativa invertida, pois Clarice Lispector “desloca a paixão de Cristo do plano da transcendência para o da imanência”, ou seja, segue um modelo bíblico, mas o reverte frequentemente, na construção do seu próprio itinerário.

Para Olga de Sá em *A paixão segundo G.H.*, a paixão é vivida e narrada pela protagonista, enquanto as narrativas bíblicas constituem partes dos evangelhos que relatam os sofrimentos de Cristo como foram vistos ou conhecidos por seus discípulos. Sobre a leitura de Olga de Sá do romance de Lispector, Emilia Amaral observou que a autora diferencia a paixão de G.H. da paixão segundo G.H. E diz:

Se a primeira é uma “experiência limite”, “porque a manducação da barata levará G.H. à renúncia de sua vida pessoal, de seu ser como linguagem” a segunda também o é, na medida em que “atinge a natureza do seu produtor da linguagem: o escritor”.

A obra estrutura-se, portanto, entre o silêncio da imanência que será conquistada pela personagem G.H., e a transcendência da linguagem com a qual este silêncio será relatado pela personagem G.H. (AMARAL, 2005, p. 122-123)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de fragmentos da fortuna crítica de *A paixão segundo G.H.* feita por Benedito Nunes (principalmente), Olga de Sá e Emilia Amaral, exposta aqui contribui para elucidar, na esteira do que diz Wittgenstein, em seus estudos sobre a linguagem, que neste romance de Clarice Lispector o jogo entre linguagem e a realidade é o tema central. A consciência da linguagem como o que não pode ser totalmente verbalizado, ou seja, a consciência dos limites da linguagem que se faz presente na ficção. E é justamente o embate narrativa *versus* consciência que da vida a protagonista G.H.: a tentação de saber, de designar a coisa sem nome, a experiência limite de percorrer o caminho da linguagem até o silêncio tendo em vista o fracasso.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Léia Schacher. *Ludwig Wittgentein e a teoria da literatura*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1999.

ABRAMOVICH, Léia Schacher. *Ludwig Wittgentein e a teoria da literatura*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1999.

AMARAL, Emília. *O leitor segundo G.H.* Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CLARICE, Lispector. *A paixão segundo G.H.* Ed. Crítica/Benedito Nunes, coordenador. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988.

DAL'AGNOLL, Darlei. *Introdução a Wittgenstein*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

NUNES, Benedito. A paixão de Clarice Lispector. In: *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Funarte / Companhia das Letras, 1987. p. 269-281.

_____. Introdução do coordenador. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Ed. Crítica/Benedito Nunes (Coord.). Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988.

_____. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *O Drama da Linguagem*, Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1995.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 2. ed. Petrópolis/São Paulo, Vozes/PUC, 1993.

_____. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. São Paulo, Anna-Blume, 1993.

_____. Paródia e metafísica. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Ed. crítica/Benedito Nunes, coordenador. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus lógico-philosophicus*. São Paulo: Editora da USP, 2008.

_____. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.